

Le Démon de L'Analogie

Stéphane Mallarmé

Des paroles inconnues chantèrent-elles sur vos lèvres, lambeaux maudits d'une phrase absurde?

Je sortis de mon appartement avec la sensation propre d'une aile glissant sur les cordes d'un instrument, traînante et légère, que remplaça une voix prononçant les mots sur un ton descendant: «La Pénultième est morte», de façon que *La Pénultième* finit le vers et *Est morte* se détacha de la suspension fatidique plus inutilement en le vide de signification. Je fis des pas dans la rue et reconnus en le son *nul* la corde tendue de l'instrument de musique, qui était oublié et que le glorieux Souvenir certainement venait de visiter de son aile ou d'une palme et, le doigt sur l'artifice du mystère, je souris et implorai de vœux intellectuels une spéculation différente. La phrase revint, virtuelle, délogée d'une chute antérieure de plume ou de rameau, dorénavant à travers la voix entendue, jusqu'à ce qu'enfin elle s'articula seule, vivant de sa personnalité. J'allais (ne me contentant plus d'une perception) la lisant enfin de vers, et, une fois, comme un essai, l'adaptant à mon parler; bientôt la prononçant avec un silence après «Pénultième» dans lequel je trouvais une pénible jouissance: «La Pénultième» puis la corde de l'instrument, si tendue en l'oubli sur le son *nul*, cassait sans doute et j'ajoutais en manière d'oraison: «Est morte.» Je ne discontinuai pas de tenter un retour à des pensées de prédilection, alléguant, pour me calmer, que, certes, pénultième est le terme du lexique qui signifie l'avant-dernière syllabe des vocables, et son apparition, le reste mal abjuré d'un labeur de linguistique par lequel quotidiennement sanglote de s'interrompre ma noble faculté poétique: la sonorité même et l'air de mensonge assumé par la hâte de la facile affirmation étaient une cause de tourment. Harcelé, je résolus de laisser les mots de triste nature errer eux-mêmes sur ma bouche, et j'allai murmurant avec l'intonation susceptible de condoléance: «La Pénultième est morte, elle est morte, bien morte, la désespérée Pénultième», croyant par là satisfaire l'inquiétude, et non sans le secret espoir de s'ensevelir en l'amplification de la psalmodie quand, effroi! –

O Demónio da Analogia¹

Stéphane Mallarmé

Traduzido por João Pinto*

Palavras desconhecidas cantaram elas nos vossos lábios, fragmentos malditos de uma frase absurda?

Saí de minha casa com a sensação própria de uma asa deslizando sobre as cordas de um instrumento, arrastada e ligeira, que havia substituído uma voz, pronunciando num tom descendente as palavras: «A Penúltima morreu», de modo que *A Penúltima* acabou o verso e *Morreu* separou-se mais inutilmente da suspensão fatídica, no vazio de significação. Dei alguns passos na rua e reconheci no som *nulo* a corda tensa do instrumento de música que estava esquecido, e que a gloriosa Recordação certamente tinha acabado de visitar com a sua asa ou com uma palma e, concentrado no disfarce do mistério, sorri e implorei, com votos intelectuais, uma especulação diferente. A frase voltou, virtual, liberta de uma queda anterior de uma pena² ou de uma sua ramificação, doravante através da voz compreendida, até que por fim ela se articulou sozinha, alimentando-se da sua própria personalidade. Eu ia-a lendo (não me contentando mais com uma simples percepção) no final do verso e, desta vez, em jeito de ensaio, adaptando-a ao meu falar; pronunciando-a, em breve, com um silêncio depois de «Penúltima», no qual eu encontrava um prazer incómodo: «A Penúltima», depois a corda do instrumento, tão esticada no esquecimento do som *nulo*, partia-se sem dúvida e eu acrescentava em jeito de oração: «Morreu.» Eu não deixava de continuar a tentar um regresso a pensamentos de predilecção, alegando, para me acalmar, que, sem dúvida, penúltima é o termo lexical que significa a penúltima sílaba dos vocábulos e, a sua aparição, o resto injustamente renunciado de um labor linguístico, pelo qual soluça, frequentemente, por se interromper, a minha nobre faculdade poética: a

* Aluno de Tradutores e Intérpretes na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

d'une magie aisément déductible et nerveuse – je sentis que j'avais, ma main réfléchie par un vitrage de boutique y faisant le geste d'une caresse qui descend sur quelque chose, la voix même (la première, qui indubitablement avait été l'unique).

Mais où s'installe l'irrécusable intervention du surnaturel, et le commencement de l'angoisse sous laquelle agonise mon esprit naguère seigneur c'est quand je vis, levant les yeux, dans la rue des antiquaires instinctivement suivie, que j'étais devant la boutique d'un luthier vendeur de vieux instruments pendus au mur, et, à terre, des palmes jaunes et les ailes enfouies en l'ombre, d'oiseaux anciens. Je m'enfuis, bizarre, personne condamnée à porter probablement le deuil de l'inexplicable Pénultième.

própria sonoridade, e o ar de mentira assumido pela pressa da fácil afirmação eram uma causa de tormento. Incomodado, decidi deixar as palavras de origem melancólica vaguearem solitárias na minha boca, e eu ia murmurando com a entoação susceptível de condolência: «A Penúltima morreu, está morta, bem morta, a desesperada Penúltima», acreditando, assim, satisfazer a inquietude, mas não sem a secreta esperança de a sepultar na amplificação da salmodia quando, com pavor! – e atingido por uma magia agilmente dedutível e nervosa – senti que tinha a minha mão reflectida pelo vidro da montra de uma loja, aí desenhando o gesto de uma carícia que se pousa em algo, a própria voz (a primeira, que indubitavelmente tinha sido a única).

Mas aonde se fixa a irrecusável intervenção do sobrenatural, e o princípio da angústia na qual agoniza o meu espírito, há pouco senhor de si, foi quando eu vi, levantando os olhos, na rua dos antiquários por onde instintivamente seguia, que me encontrava em frente da loja de um violeiro, que vendia instrumentos antigos, os quais estavam pendurados na parede, e no chão palmas amarelas e as asas de pássaros antigos escondidas na sombra. Fujo, com ar estranho, como alguém condenado a carregar, provavelmente, o luto da inexplicável Penúltima.

Notas

- 1 Em Stéphane Mallarmé. *Œuvres Complètes de Stéphane Mallarmé*, Paris, Gallimard, Bibliothèque de la Pléiade, 1965, pp. 272-273.
- 2 N.T. Pena com aparato utilizada na escrita.